

Sobre a escalaridade dos adjetivos adverbiais modais

Inês Cantante

inescantante3195@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT

The present work studies a particular type of adjectives, the modal adverbial adjectives, which, when applied to a noun, do not modify it directly, rather indicating how a certain concept can be applied to that noun (Demonte, 1999); they are designated modals because they convey a certain modal value. In the present study, we used a concept of modality based on Oliveira & Mendes, (2013) work, which distinguishes five categories for modality: epistemic, deontic, internal to the participant, external to the participant and desiderative. To assess the scalar character of the modal adjectives, eleven adjectives were selected, belonging to three classes of modality: epistemic, deontic and desiderative. In order to test such scalarity, we used three constructions: quantification - *muito* (*very/much*) and *pouco* (*little*) –, combination with adverbs indicating totality – *completamente* (*completely*) and *totalmente* (*totally*) (based on the notion of *proportional modifiers*, inherited from Kennedy & McNally, 2005) and, lastly, combination with adverbs indicating partiality - *praticamente* (*practically*) and *quase* (*almost*). The results allowed us to draw some relevant conclusions regarding these adjectives, among which the idea that the proportional modifiers do more than assess the type of scale projected by gradable adjectives; the adverbs of totality considered may, depending on the adjective with which they are combined, induce different readings: readings that indicate that the limit/maximum point of the scale has been reached, mereological readings, intensity readings and, finally, a reading of epistemic reinforcement, equivalent to *there is no doubt*. Finally, the adverbs of partiality are used to attenuate the adjectives' modal force. However, they seem to assess different modal values: *praticamente* (*practically*) keeps the modal value of the complex [adverb + adjective] very close to the basic value of the adjective (when isolated). With *quase* (*almost*), on the other hand, the distance between the value of the isolated adjective and the value of the complex [adverb + adjective] may be greater.

KEYWORDS

Modal adjectives; Scalarity; Quantification; Adverbs indicating totality; Adverbs indicating partiality.

RESUMO

O presente trabalho estuda um tipo particular de adjetivos, os adjetivos adverbiais modais, que, quando aplicados a um nome, não o modificam diretamente, antes indicando de que forma é que um determinado conceito se aplica a esse nome (cf. Demonte, 1999); daí advém a designação de modais, já que estes adjetivos estão, na maior parte das vezes, associados à

veiculação de um determinado valor modal. Servimo-nos, neste estudo, da classificação de modalidade de Oliveira & Mendes (2013), que distingue cinco tipos de modalidade: epistémica, deôntica, interna ao participante, externa ao participante e desiderativa. Para avaliar o caráter escalar dos adjetivos modais estudados, foram selecionados onze adjetivos, pertencentes às modalidades epistémica, deôntica e desiderativa e, de forma a testar a escalaridade, foram utilizadas três construções: quantificação através de *muito* e *pouco* , combinação com os advérbios de totalidade, *completamente* e *totalmente* (com base na noção de *proportional modifiers* , herdada de Kennedy & McNally, 2005) e, por fim, a combinação com os advérbios de parcialidade *praticamente* e *quase* . Os resultados permitiram chegar a algumas conclusões importantes em relação a estes adjetivos, entre as quais o facto de o efeito dos *proportional modifiers* combinados com estes adjetivos ultrapassar a avaliação da escala associada aos adjetivos escalares; os advérbios de totalidade estudados poderem, consoante o tipo de adjetivo com que se combinam, induzir diferentes leituras: leitura de limite escalar, leitura mereológica, leitura de intensidade e, por fim, leitura de reforço epistémico, parafraseável por *não há dúvidas* . Já os advérbios de parcialidade, embora ambos sirvam para atenuar a força modal, parecem contribuir para forças modais diferentes: *praticamente* mantém o valor modal muito próximo do valor básico do adjetivo (isolado) e *quase* deixa, em certa medida, em aberto a distância entre o valor do adjetivo combinado com o advérbio e o valor básico do adjetivo.

PALAVRAS-CHAVE

Adjetivos modais; Escalaridade; Quantificação; Advérbios de totalidade; advérbios de parcialidade.

1. Introdução

Os adjetivos têm sido uma área bastante estudada em várias línguas, embora não haja ainda um consenso acerca da sua classificação. No entanto, existe um tipo particular de adjetivos, os adjetivos adverbiais (cf. Demonte, 1999), que têm sido muito pouco estudados, podendo, apenas, salientar-se, para o Português Europeu, Ferreira (2013), que estudou um subtipo de adjetivos adverbiais, os temporo-aspetuais.

Assim, não só por os adjetivos modais, que são objeto de análise neste trabalho, serem pouco estudados, em Português e noutras línguas, mas também por serem de uso muito comum em Português Europeu (doravante PE), parece fundamental aprofundar o estudo destes adjetivos.

Para este trabalho, foi selecionado, a partir de uma lista inicial mais vasta, um conjunto de onze adjetivos de raiz modal, tendo por base as

seguintes três modalidades (cf. van der Auwera & Plungian, 1998; Oliveira & Mendes, 2013): epistémica (*possível, provável, necessário, impossível, improvável, desnecessário*), desiderativa (*desejável, indesejável*) e deontica (*proibido, permitido, obrigatório*).

Com efeito, são escassos os estudos sobre adjetivos modais, dado que para o PE apenas são feitas menções muito breves em Veloso & Raposo (2013) e, para o Português do Brasil, existem alguns trabalhos sobre adjetivos modais terminados em *-vel*, o que inclui adjetivos como *lavável* e *legível*, parafraseáveis por *que se pode lavar* ou *que se pode ler* (cf. Moreira, 2014; 2015), que não são objeto deste trabalho. Note-se, no entanto, que estes estudos não discutem a natureza semântica dos adjetivos modais, que, ou são, apenas, brevemente mencionados, ou, no caso dos adjetivos modais terminados em *-vel* (cf. Moreira, 2014; 2015), a questão que se coloca é a modalização construída através do sufixo *-vel*.

Uma das propriedades bastante estudadas acerca dos adjetivos é a graduabilidade, isto é, o facto de estarem ou não associados a valores escalares. Tipicamente, os trabalhos que analisam a escalaridade associada aos adjetivos focam-se, sobretudo, nos qualificativos (Kennedy & McNally, 2005; Veloso & Raposo, 2013, entre outros). Este tipo particular de adjetivos tem, também, a característica de poder aparecer em posição atributiva e predicativa, o que não se verifica, por exemplo, com os adjetivos relacionais (cf. Veloso & Raposo, 2013: 1383).

Também os adjetivos modais considerados neste estudo podem ocorrer nas duas posições. Assim, e tendo em conta esta semelhança, parece relevante investigar se, também no que diz respeito à escalaridade, estes adjetivos podem aproximar-se. Apesar de alguns autores reconhecerem que “entre as restantes classes e subclasses, são graduáveis os adjetivos modais e os avaliativos” (Veloso & Raposo, 2013: 1415), e de já terem sido feitos trabalhos sobre outros tipos de adjetivos (cf. Ferreira, 2013; Kennedy & McNally, 2005), não existem estudos que procurem investigar esta problemática. Coloca-se, portanto, a questão de saber se, tal como os qualificativos, estes adjetivos modais, são, efetivamente, graduáveis e, caso sejam, se têm escala aberta ou fechada.

Este estudo fundamenta-se num corpus constituído por 664 exemplos,

retirados, em grande parte, do Cetem Público¹, mas também, sempre que necessário, de outros jornais online (para manter o mesmo tipo de escrita). Ainda, em certos casos, só foram encontradas ocorrências em comentários, fóruns de discussão ou blogues.²

A pesquisa foi feita de acordo com vários parâmetros, como a combinação com os quantificadores *muito* e *pouco* , a combinação com os advérbios de totalidade e de parcialidade selecionados e, ainda, a posição em que os adjetivos ocorriam, i.e., atributiva ou predicativa. A análise é qualitativa, não sendo objetivo deste trabalho um estudo quantitativo.

O presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: numa primeira fase, introdutória, apresentam-se de forma breve alguns aspetos relevantes, no que diz respeito aos adjetivos e à modalidade. De seguida, apresenta-se, com mais detalhe, o tópico a estudar, isto é, o carácter escalar dos adjetivos modais, fazendo uma breve clarificação de alguns conceitos importantes para o estudo da escalaridade, e serão apresentadas as construções que serão usadas para testar o comportamento dos adjetivos selecionados. Na secção seguinte, verificamos qual o comportamento dos adjetivos modais nessas construções. Por fim, a última secção é dedicada às conclusões principais do estudo realizado.

2. Sobre adjetivos e modalidade

Falar sobre adjetivos adverbiais modais implica uma conceção baseada em duas áreas, a do adjetivo e a da modalidade, uma vez que só esta noção 'conjunta' pode dar conta da complexidade deste tipo de adjetivos. Na realidade, a dificuldade é acrescida, se tivermos em conta que as próprias áreas do adjetivo e da modalidade estão, ainda, em discussão. Por essa razão, convém esclarecer quais os trabalhos que serviram de base ao nosso estudo.

¹ Todos os exemplos cuja referência comece por *par-ext* são retirados desta base de dados.

² Foram respeitados todos os critérios de pesquisa que garantem que os exemplos foram escritos em Português Europeu; no entanto, nem sempre possível garantir que foram escritos com um total respeito pelas regras gramaticais da língua, já que, em alguns casos, foram retirados de comentários, blogues, entre outros (que são plataformas em que qualquer utilizador pode escrever).

2.1. Sobre adjetivos

O estudo dos adjetivos é vasto, mas, ainda hoje, a definição de ‘adjetivo’ é pouco consensual, bem como o são as propostas para a sua classificação.

De forma breve, podemos afirmar que os adjetivos se combinam com nomes, com a função de lhes atribuir propriedades ou modificá-los (Demonte, 1999), podendo apresentar-se antepostos ou pospostos ao nome com que se combinam. No entanto, embora nem sempre seja fácil explicar a diferença nas leituras, a anteposição parece acarretar alguns efeitos estilísticos que a posposição nem sempre faz.³ De qualquer forma, parece ser mais comum o uso do adjetivo em posposição, na medida em que, segundo Rio-Torto (2006: 107), esta é a posição “menos marcada informacionalmente”. Mas os adjetivos, para além da sua posição atributiva, podem também surgir em posição predicativa, embora isso dependa do tipo de adjetivo.

Nas tipologias mais comuns sobre adjetivos, parece ser consensual a divisão entre qualificativos, utilizados para a caracterização de seres/objetos, e relacionais, sempre que os adjetivos estabelecem algum tipo de relação com o nome com que se combinam (cf. Cunha & Cintra, 1984; Demonte, 1999; Brito, 2003; Ferreira; 2013; e Veloso & Raposo, 2013).⁴

Demonte (1999) também considera a divisão entre adjetivos qualificativos e relacionais, mas acrescenta-lhe a classe dos adjetivos adverbiais, fundamentando esta divisão com recurso a vários critérios, nomeadamente a aceitação (ou não) de posição predicativa, a compatibilidade com estruturas comparativas e modificação por advérbios de grau e, por fim, a capacidade de serem termos de correlações de polaridade, ao participarem em sistemas binários (cf. Demonte, 1999: 138).

É dentro desta classe que a autora inclui os adjetivos adverbiais

³ Este facto foi constatado por Cunha & Cintra (1984), que consideram que os adjetivos na ordem direta [Nome + Adjetivo] têm uma conotação mais ‘objetiva’ do que quando são utilizados na ordem inversa [Adjetivo + Nome], em que assumem um tom mais ‘subjetivo’. Também Rio Torto (2006) reconhece que “em anteposição são valorizados os valores expressivos do adjectivo e em posposição os valores informativos ou conotativos” (p.107).

⁴ Para o Português Europeu, faço uma breve chamada de atenção para o trabalho de Veloso & Raposo (2013), que me parece tratar-se de um resumo de diversas propostas de classificação dos adjetivos. De forma resumida, estes autores incluem os adjetivos qualificativos e relacionais na classe dos denotativos, usados para introduzir propriedades ou características adicionais à entidade (podendo assim contribuir para a formação de subclasses de entidades). Todos os adjetivos que sejam utilizados para emitir uma avaliação em relação à entidade que o nome representa pertencem à classe dos adjetivos avaliativos. Nesta classe, são incluídos os adjetivos intensionais e modais, próximos por “não introduzirem propriedades novas, constitutivas ou relacionais, no sentido dos nomes que modificam” (Veloso & Raposo, 2013: 1388). No que diz respeito aos adjetivos modais, Veloso & Raposo (2013) consideram que estes adjetivos exprimem propriedades relacionadas com as circunstâncias em que decorrem os eventos.

intensionais e eventivos (ou circunstanciais) que, por sua vez, se subdividem em adjetivos adverbiais modais, marcadores de intensão ou referência, circunstanciais (de tempo, espaço e modo) e aspetuais. Demonte (1999) justifica a classe dos adjetivos modais com a observação de que “algunos adjetivos, en efecto, sólo sirven para indicar la manera como el concepto o intensión de un término se aplica a un determinado referente” (1999: 139). Esses mesmos adjetivos, que caracterizam as situações, têm, ainda, a particularidade de serem intersubstituíveis pela correspondente forma adverbial, mantendo o sentido da frase.⁵ Note-se o exemplo seguinte:

- (1) a. É **possível** que o avião não levante voo, devido ao mau tempo.
b. **Possivelmente**, o avião não levantará voo, devido ao mau tempo.

2.2. Sobre modalidade

Foram já vários os autores que estudaram a temática da modalidade, cujos conceitos fundamentais, como necessidade e possibilidade, remontam à Antiguidade Clássica, podendo destacar-se de Haan (2006), van Linden (2012), Palmer (2001), Kratzer (1981, 2012), von Stechow (2006), entre outros, e, para o Português, Oliveira (1988, 2000) e Oliveira & Mendes (2013). Apesar do grande número de estudos existentes na área, não há, ainda, um consenso “on the proper terminology for modal meanings” (de Haan, 2006: 28). De modo geral, podemos afirmar que os vários autores parecem concordar, por um lado, com a consideração de dois domínios, o da possibilidade e o da necessidade, e, por outro, com a divisão entre modalidade epistémica e deontica.⁶

No presente trabalho, seguimos Oliveira (1988, 2000) e Oliveira & Mendes (2013), que perspetivam a modalidade como uma “forma de exprimir, por meios linguísticos, atitudes e opiniões dos falantes ou das

⁵ Para o Português existem exceções, já que, em certos casos, a substituição pela forma adverbial altera o sentido da frase, como o comprova o exemplo seguinte, que, noto, não se refere a um adjetivo modal:
a. Queres vir almoçar comigo? Vou ao restaurante **habitual**. = restaurante onde é habitual que eu almoce.
b. Vou ao restaurante **habitualmente**. = tenho o hábito de ir ao restaurante.

⁶ Assim, a modalidade epistémica “refers to the degree of certainty the speaker has that what s/he is saying is true” (de Haan, 2006:29), enquanto a modalidade deontica “deals with the degree of force exerted on the subject of the sentence to perform an action. This force can come from the speaker but also from an unspecified third source” (de Haan, 2006: 29).

entidades referidas pelo sujeito sobre o conteúdo proposicional dos enunciados que produzem” (Oliveira & Mendes, 2013: 623) e distinguem cinco categorias básicas de modalidade, que esclareceremos de forma breve e resumida.

A modalidade epistémica centra-se habitualmente nos estudos linguísticos nos domínios da crença e do saber e é utilizada para transmitir o grau de certeza ou incerteza relativamente à possibilidade ou necessidade de ocorrência de uma determinada situação (cf. (2) e (3)). Por sua vez, a modalidade deontica está associada à imposição de regras ou normas, estando, por isso, associada a valores de permissão, obrigação ou proibição. Neste tipo de modalidade, existem sempre duas entidades a considerar: uma sobre a qual se impõem as normas veiculadas e outra, que é detentora do poder para as impor⁷ (cf. (4) – (6)). Já a modalidade interna ao participante está associada a um valor de capacidade interna de uma determinada entidade, e pode dividir-se em inerente (capacidade que o falante/sujeito detém) ou aprendida (adquirida ao longo da vida, através das experiências do falante/sujeito) (cf. (7) e (8)). Sempre que se verifique, devido a fatores não diretamente relacionados com a entidade falante/sujeito (i.e., esta entidade não detém nenhum controlo sobre a situação), a possibilidade ou necessidade de ocorrência de determinadas situações, estamos perante a modalidade externa ao participante (cf. (9)). Por fim, o último tipo de modalidade previsto no quadro de classificação de Oliveira & Mendes (2013) é a modalidade desiderativa. Essencialmente, este tipo de modalidade é utilizado para exprimir uma vontade ou desejo do falante/sujeito (cf. (10)).

- (2) E como **é provável que** as referidas taxas sejam quebradas no futuro, as consequências da reunião de ontem foram curtas e secas. (*par = ext9425-eco-93b-1*)
- (3) Eu **sei que** a Indonésia não vai alterar a sua posição. (*par = ext16279-nd-91b-2*)
- (4) Ou seja: é **obrigatório** que os cidadãos se equipem com sapatilhas,

⁷ Note-se, no entanto, que esta imposição normativa pode ter origem numa entidade agentiva ou não. Se os fatores que impõem a modalidade deontica não forem agentivos, pode haver casos em que esta modalidade se aproxime da modalidade externa aos participantes:

(i) A falta de pastagens, devido à seca do passado Verão, **obrigou a que** os criadores tivessem de se socorrer das farinhas para alimentar o gado, o que encareceu a engorda. (*par = ext261862-soc-96a-2*)

fato de treino e a necessária boa vontade para que, com gosto, se proponham calcorrear as margens do Mondego. (*par=ext12081-soc-96a-1*)

- (5) «Depois do pôr do sol, **é proibido** circular». (*par=ext22753-pol-94b-1*)
- (6) Vá lá, **podes** dormir. “ (*par=ext152224-nd-98b-2*)
- (7) (...) Afinal **és capaz de** distinguir o bom do mau e qualquer outra contradição (...). (*par=ext27992-clt-98a-2*)
- (8) Mas **eu consigo** esconder-me. (*par=ext556057-nd-91b-2*)
- (9) Hoje, **as circunstâncias exigem de nós** uma maior unidade nacional, que é o nosso escudo. (*par=ext610034-pol-94b-2*)
- (10) Só **espero que** tudo continue a correr bem. (*par=ext27436-des-96b-1*)

Nota, ainda, que existem vários meios linguísticos de expressar a modalidade, entre os quais se podem destacar os verbos modais (semiauxiliares ou plenos), os advérbios e locuções adverbiais, os adjetivos e nomes, mas também os modos verbais, certos tempos gramaticais e alguns sufixos derivacionais (como por exemplo *-vel*) (cf. Oliveira & Mendes, 2013).⁸

2.3. Sobre adjetivos e escalaridade

A classe dos adjetivos está, muitas vezes, associada a construções escalares. Kennedy & McNally (2005) estudaram o tema da escalaridade, mais diretamente aplicado a adjetivos, isto é, adjetivos graduáveis. Ao analisar estes adjetivos, Kennedy & McNally (2005) constatam que “denotam funções de objetos para representações abstratas de medição, ou graus, numa escala” (Leal, Ferreira & Cunha, 2011: 317). Ao definir que os graus são “points or intervals partially ordered along some dimension (e.g. height, cost, weight, and so forth; (...))”, então, uma escala será “the set of ordered degrees” (Kennedy & McNally, 2005: 349), podendo a escala

⁸ Além da possibilidade de vários meios linguísticos para expressão da modalidade, uma mesma construção pode ganhar diferentes significados, ao combinar-se com diferentes contextos, como nota Neves (2000), ao afirmar, relativamente aos verbos modais, que, “na sua interpretação, comunicam significados contextuais diferentes, como consequência da sua interação com outros elementos do contexto” (2000: 121).

associada aos adjetivos graduáveis ser aberta ou fechada. Os *proportional modifiers*, conceito introduzido por estes autores, são usados como um critério para verificar o tipo de escala associado a cada adjetivo: sempre que haja compatibilidade com estes modificadores, os adjetivos deverão ter escala fechada e se, pelo contrário, forem incompatíveis, a escala projetada pelos adjetivos deverá ser aberta⁹.

Também sobre escalaridade, em que a noção de modalidade igualmente está incluída, é, ainda, importante mencionar os trabalhos de Horn (1989)¹⁰, cujo objetivo principal foi estabelecer escalas para vários domínios na relação entre o negativo e o positivo. Entre esses domínios, estão incluídos alguns adjetivos modais em Inglês. A relevância deste trabalho passa, não só pelo facto de haver uma organização segundo a força modal relativa de cada um dos adjetivos (em valores que se situam entre 0, 0.5 e 1, representando 0 o topo mínimo da escala e 1 o topo máximo), mas também pela existência de escalas distintas para valores positivos e negativos, pois, como afirma o autor, “positive and negative quantifiers, modals, and related operators must be represented on distinct, though related, scales” (Horn, 1989: 235).

Uma questão que se coloca é verificar se a escala que Horn (1989) propôs para o Inglês se adapta ao Português, tendo em conta os mesmos adjetivos.

Tabela 1 – Forças modais nas escalas de Horn (1989)

Valores	Escala Positiva	Escala Negativa
0	<i>Possible</i>	<i>Unnecessary</i>
0.5	<i>Probable/Likely</i> <i>Desirable</i> <i>Allowed</i>	<i>Improbable/unlikely</i> <i>Undesirable</i>
1	<i>Necessary, Obligatory/ mandatory</i>	<i>Impossible</i> <i>Prohibited/forbidden</i>

⁹ Segundo os mesmos autores, uma **escala fechada** é aquela que tem limite mínimo e máximo e uma **escala aberta** a que não tem valores mínimos ou máximos. Kennedy & McNally (2005) referem, ainda, as escalas parcialmente fechadas, em que existe um valor mínimo ou um valor máximo, mas não ambos (cf. Kennedy & McNally, 2005: 348).

¹⁰ Também para o Português, existem trabalhos importantes que focam a escalaridade de certos predicados, como, por exemplo, os *Degree Achievements* (cf. Leal & Oliveira, 2015; Leal, Ferreira & Cunha, 2011).

Notem-se, no entanto, dois aspetos importantes. O primeiro é que, seguindo o raciocínio de Horn (1989), foram incluídos, na mesma escala, adjetivos de todos os tipos de modalidade estudados no presente trabalho (i.e., epistémicos, deônticos e desiderativos). Ainda, é importante notar que os adjetivos que, na escala positiva, ocupam os topos máximo e mínimo, ocupam os topos opostos na escala negativa correspondente.

Preende-se, assim, verificar se os adjetivos que estamos a estudar, i.e., adjetivos modais, têm, tal como os adjetivos estudados por Kennedy & McNally (2005) e Kennedy & Levin (2008), caráter escalar. Tendo em conta os exemplos (cf. (11) e (12)) abaixo, parece possível assumir que sim. Apesar de ambos os exemplos relacionarem adjetivos de modalidades diferentes, parece verificar-se um reconhecimento, por parte dos falantes, da existência de uma escala que organiza as forças modais dos adjetivos e que pode, ainda, ser reforçada (*claramente desejável*) ou minimizada (*pouco provável*).

- (11) É desejável, mas **pouco provável**, o cenário que acabei de descrever.
(par = ext45264-pol-95a-2)
- (12) Mas, se **não** era **necessário**, o referendo é **desejável – claramente desejável**. (par = ext86199-opi-96a-1)

Para testar o comportamento escalar dos adjetivos, recorrer-se-á a três tipos de construções. A primeira é a combinação com os quantificadores *muito* e *pouco*, para compreender se estes adjetivos aceitam o movimento para pontos mais elevados ou mais baixos da escala. Posteriormente, seguindo Kennedy & McNally (2005), será, também, investigado qual o comportamento dos adjetivos modais quando combinados, em primeiro lugar, com advérbios de totalidade (*totalmente* e *completamente*) e, em segundo lugar, com advérbios de parcialidade (*praticamente* e *quase*). Estes testes constituem uma forma de verificar, por um lado, se os adjetivos modais têm, efetivamente, caráter escalar e, por outro, se estas escalas são abertas ou fechadas.

3. Adjetivos modais em construções escalares

3.1. Quantificadores

Numa primeira etapa, pretende verificar-se se os adjetivos modais aceitam a combinação com os quantificadores *muito* e *pouco* , e, assim, se podem mover-se para pontos mais elevados ou mais baixos da escala.

Dos adjetivos em estudo, verificamos que os adjetivos relativos à modalidade epistémica (*possível* , *provável*) e desiderativa (*desejável*) aceitam a combinação, tanto com *muito* como com *pouco* , quer em posição atributiva, quer em posição predicativa, como os seguintes exemplos permitem comprovar¹¹.

(13) Para Delgado Domingues, ou se implode a torre existente, uma **solução pouco provável** , ou se autoriza a segunda. (*par = ext73353-soc-97a-2*)

(14) E Jorge Gil diz que **é muito possível** que toquem de novo em Portugal... (*par = ext134525-clt-96b-1*)

Seguindo Horn (1989), o adjetivo *necessary* encontra-se no topo da escala e, por essa razão, merece especial atenção. Poderia ponderar-se a adequação da combinação de *necessário* com *muito* , já que este quantificador, particularmente, tem a função de fazer com que os adjetivos se movam para pontos mais elevados da escala e, se este adjetivo se encontra no topo da escala, então não deveria poder atingir pontos mais elevados. Aquilo que se verifica, no entanto, é que este adjetivo parece aceitar, sem qualquer limitação, esta combinação (cf. (15)), o que nos leva a admitir que, em PE, contrariamente ao que se passa para o Inglês, *necessário* não deverá representar um topo de escala.

¹¹ Por limitações de espaço, não é possível apresentar exemplos para todos os adjetivos selecionados. Assim, no final de cada secção, será apresentada uma tabela, dando conta dos resultados obtidos para a totalidade dos adjetivos estudados.

(15) E agora, o seu **muito necessário** exame de consciência foi aparentemente adiado: parece que assuntos mais urgentes os aguardam. (*par = ext46109-nd-96b-3*)

Assim, pode afirmar-se que as formas positivas dos adjetivos deste estudo se combinam bem com ambos os quantificadores, *muito* e *pouco*.

Recorrendo ao mesmo tipo de procedimento, mas, desta vez, em relação às formas negativas dos adjetivos, tendo em conta os adjetivos pertencentes à modalidade epistémica e desiderativa, deve salientar-se a diferença entre *impossível*, por um lado, e *improvável* e *indesejável*, por outro, já que o primeiro rejeita a combinação com *muito* e os segundos não. O exemplo abaixo, o único encontrado e difícil de processar e de aceitar, comprova que, ao contrário do que sucede com *necessário*, *impossível* não parece aceitar a combinação com *muito*.

(16) E tal efeito de explosão; tal efeito de fazer de um verso muitas imagens, é um efeito muito químico, **muito impossível** e muito humano.¹²

Também para o quantificador *pouco*, com este adjetivo, não houve qualquer ocorrência. Estas dificuldades de aceitação com os quantificadores comprovam o caráter de topo escalar deste adjetivo, conforme acontece para o Inglês (cf. Horn, 1989).

Na realidade, em relação a *pouco*, foi possível constatar que nenhuma das formas negativas dos adjetivos admite a combinação com este quantificador.¹³ Tal comportamento pode dever-se ao facto de que a combinatória entre *pouco* e estes adjetivos deveria fazê-los subir ligeiramente na escala negativa (isto é, por exemplo, o valor de *pouco desnecessário*, se esta construção fosse possível, seria superior ao valor de, apenas, *desnecessário*). Assim,

¹² Sociedade Portuguesa de Autores. (2017) Mensagem de Gonçalo M. Tavares à SPA acerca do Dia da Poesia. Disponível em <https://www.spautores.pt/comunicacao/noticias/dia-mundial-da-poesia-2017> [Consult. 15.12.2017]

¹³ Se atentarmos numa construção do tipo *Isso é pouco improvável*, tal deverá querer dizer que o que é designado por *isso* tem, efetivamente, probabilidade de ocorrer. Ora, ao analisar alguns exemplos encontrados com esta construção, parece-me que os autores pretendem dizer *pouco provável* e, por isso, deverão ser consideradas grralhas: (i) Dinamarca considera pandemia controlada e **pouco improvável** uma segunda vaga (Retirado de HealthNews. Disponível em <https://healthnews.pt/2020/05/12/dinamarca-considera-pandemia-controlada-e-pouco-improvavel-uma-segunda-vaga/> [Consult. Jun 2020])

o que, provavelmente, acontece é que esse comportamento é contrário ao sentido de *pouco*, que remete para partes mais baixas da escala¹⁴ e, talvez por essa razão, estes adjetivos não se possam combinar com este quantificador.¹⁵

Quanto aos adjetivos que expressam a modalidade deontica, verificou-se que, em relação a *proibido*, não foi encontrada qualquer ocorrência.¹⁶ No entanto, os restantes adjetivos do grupo dos deonticos registaram ocorrências, como comprovam os exemplos seguintes.

(17) Os bons amigos do IPródigo (um site brasileiro **muito obrigatório** de sabor reformado) perderam uma hora a conversar comigo.¹⁷

(18) O consumo de álcool está **muito permitido** e há muita influência da publicidade.¹⁸

Note-se, porém, que as leituras associadas a estes exemplos não são leituras de movimento escalar. Com efeito, as únicas interpretações possíveis são as que envolvem uma leitura parafraseável por *proibido/permitido em muitas situações* ou *por/para muitas pessoas*.

Vejam-se nas seguintes tabelas os resultados gerais para todos os adjetivos estudados.

¹⁴ Note-se que a análise feita tem em conta o quantificador *pouco*, que não deve ser confundido com *um pouco*. Esta diferença foi já notada por Ducrot (1972), que considera que uma das diferenças entre *pouco* e *um pouco* é o facto de o primeiro ser uma espécie de 'negação atenuada'. Assim, para este autor, enquanto *pouco* retira uma propriedade (por exemplo *pouco útil*), *um pouco* mantém a existência da propriedade, mas em menor quantidade (*um pouco útil*) (cf. Ducrot, 1972).

¹⁵ Um avaliador sugeriu que talvez fossem possíveis ocorrências deste tipo com *pouco invulgar*. No entanto, vários informantes concordam que esta sugestão seria mais aceitável com a expressão *um pouco*, já que, com *pouco*, parece difícil de aceitar.

¹⁶ Existem algumas ocorrências em que há adjacência de *pouco* e *proibido*, sendo, todas elas, construções do tipo *um pouco proibido*, o que nos leva a ponderar se se trata de casos de atenuação do que é dito (isto é, não há, efetivamente, proibição, mas está implícita uma não recomendação).

¹⁷ Cavaco, T. O. (2011, Janeiro 10). Terror e Oração. [Publicação em blogue]. Voz do deserto. Disponível em <http://vozdodeserto.blogspot.pt/2011/01/> [Consult. 15.12.2017]

¹⁸ Cruz, Elisabete. (2017, Junho 1). Javier Urra, psicólogo: "para as crianças, brincar é tão necessário como o alimento". Jornal de Leiria. Disponível em <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/javier-urra-psicologopara-criancas-brincar-e-tao-necessario-6543> [Consult. 15.12.2017]

Tabela 2 – Adjetivos Modais em Posição Atributiva

	Muito	Pouco
Possível	+	+
Impossível	+	-
Necessário	+	+
Desnecessário	+	-
Provável	+	+
Improvável	+	-
Desejável	+	+
Indesejável	+	-
Obrigatório	-	-
Proibido	-	-
Permitido	+	-

Tabela 3 – Adjetivos Modais em Posição Predicativa

	Muito	Pouco
Possível	+	+
Impossível	-	-
Necessário	+	+
Desnecessário	+	-
Provável	+	+
Improvável	+	-
Desejável	+	+
Indesejável	+	-
Obrigatório	-	-
Proibido	-	-
Permitido	+	-

3.2. Advérbios indicadores de totalidade: *completamente* e *totalmente*

Numa segunda etapa, de forma a verificar até que ponto se pode considerar que tais adjetivos são escalares e quais os tipos de escalas envolvidos, recorreu-se aos modificadores *completamente* e *totalmente*. Com efeito, com base em Kennedy & McNally (2005) e, também, Kennedy & Levin (2008), que apresentam não só uma definição dos conceitos de **grau** e de **escala**, como também o conceito de *proportional modifiers* – critério fundamental para compreender se as escalas associadas aos adjetivos são abertas ou fechadas –, considerámos importante estudar a compatibilidade dos adjetivos modais com estes modificadores.¹⁹

De facto, verifica-se que, em posição atributiva (cf. (19) – (21)), os adjetivos modais em estudo são compatíveis com estes advérbios, tanto os topos de escala (cf. (19)), como os restantes casos.

¹⁹ De forma breve, pode dizer-se que, sempre que um adjetivo se apresente compatível com os *proportional modifiers*, i.e., advérbios do tipo *completamente* e *totalmente* – apenas em casos em que este conjunto (adjetivo + advérbio) denote o atingir do máximo da escala –, este terá uma escala fechada. Se, pelo contrário, houver incompatibilidades entre adjetivos e advérbios que denotam o atingir do máximo da escala, os adjetivos terão escala aberta.

(19) É um produto **completamente obrigatório**, que deve andar sempre connosco e que promete ser o nosso melhor amigo.²⁰

(20) Exemplo mais marcante, **totalmente permitido** por lei, foi a do último júri em que participei e fui arguente, porque o trabalho tinha sido feito em boa parte no meu laboratório.²¹

(21) O FMI nunca deixa de ser, apenas, um banco – e é essa a própria natureza do seu papel indispensável e **totalmente necessário**.
(*par = ext128184-po/94a-1*)

Ainda no que diz respeito à posição atributiva, não é absolutamente irrelevante utilizar um ou outro dos advérbios.²²

Em relação à posição predicativa, todos os adjetivos aceitam a combinação com ambos os advérbios; vejam-se alguns exemplos (cf. (22) – (24)).

(22) A Air01 traz um suporte para ser encaixado na parte de trás do equipamento, apesar de isso não ser **totalmente obrigatório** devido à ausência de ligação por cabo.²³

(23) “Acreditamos que é **completamente possível** atingir esse valor aqui”.²⁴

(24) Luaty Beirão “é **completamente necessário**” ao processo urgente de democratização que Angola precisa, sustentou a viúva do Nobel da Literatura José Saramago.²⁵

²⁰ “Rita” (2015). Hoje como Antigamente... Disponível em <https://inspiracaoacores.blogs.sapo.pt/tag/beleza> [Consult. 27.11.2017]

²¹ Costa, J. V. (s.d.). Doutoramento Sacrificial. Disponível em http://jvcosta.net/artigos/doutoramento_sacrif.html [Consult. 28.11.2017]

²² Note-se que, em posição atributiva, há variação quanto à aceitabilidade com um ou outro dos advérbios, sendo a distribuição a seguinte:

Completamente:

Aceita a combinação com *provável, desejável, proibido e obrigatório*;

Rejeita a combinação com *possível, necessário e permitido*.

Totalmente:

Aceita a combinação com *necessário, proibido, permitido* (1 caso), *obrigatório, e desejável* (1 caso);

Rejeita a combinação com *possível e provável*.

²³ “Casa dos Bits” (2015, Fevereiro 5) Sabia que pode tirar fotografias de 16 megapixels com o seu smartphone? [Publicação em blogue] SapoTek. Disponível em <http://tek.sapo.pt/multimedia/art>

²⁴ Faria, R. (2016, Novembro 8). Anda tudo à procura de um milhão de euros. Jornal de Negócios. Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/web-summit/detalhe/anda-tudo-a-procura-de-um-milhao-de-euros> [Consult. 27.11.2017]

²⁵ Porto Canal com Agência Lusa. (2015, Outubro 27). Pilar del Rio diz que Luaty Beirão é necessário à democratização de Angola. Porto Canal. Disponível em <http://portocanal.sapo.pt/noticia/72544> [Consult. 27.11.2017]

Em relação às formas negativas dos adjetivos, saliente-se que a posição predicativa permite a combinação de todos os adjetivos modais negativos com ambas as formas dos advérbios de totalidade estudados. Vejam-se, a título ilustrativo, os exemplos abaixo, relativos, não só aos topos de escala (cf. (25) e (26)), mas também aos restantes adjetivos (cf. (27) e (28)).

- (25) É **completamente impossível** dizer que não haverá aumentos para alguns trabalhadores independentes porque cada caso é um caso.²⁶
- (26) Interromper uma gravidez é **totalmente proibido** nos países católicos como as Filipinas, a Colômbia e o Chile, bem como Malta.
(par = ext838714-clt-soc94b-2)
- (27) Com efeito, **parece totalmente improvável** que a Indonésia deixe a tripulação desembarcar em Díli (...). (par = ext1550024-pol-92a-2)
- (28) No caso em apreço, contudo, este estudo clínico **parece-nos completamente desnecessário** dada a clareza dos sintomas (...)
(par = ext1386742-clt-92b-2)

Em relação às formas negativas em posição atributiva, o comportamento é muito semelhante, e todos os adjetivos estudados aceitam combinar-se com ambos os advérbios, como o comprovam os exemplos selecionados para ilustrar este fenómeno (cf. (29) – (32)).

- (29) Em «Setembro» temos de novo o tema dos conflitos recalcados entre mãe e filha, que culminam numa cena de acusações mútuas que tornam qualquer esperança de reconciliação **totalmente impossível**.
(par = ext625174-soc-91b-2)
- (30) Sou um **cantor completamente proibido** pela censura do Salazar e do Marcelo Caetano (...), porque aquilo que escrevia chocava.
(par = ext1093054-nd-93b-2)
- (31) A Junta, liderada por David Paiva, proporciona um conjunto recheado de respostas sociais, algumas invulgares no concelho

²⁶ Silva, Cristina O. (2017). "É completamente impossível dizer que não haverá aumentos de descontos para alguns" trabalhadores com recibos verdes. Disponível em <https://eco.pt/entrevista/e-completamenteimpossivel-dizer-que-nao-havera-aumentos-de-descontos-para-alguns-trabalhadores-com-recibos-verdes/> [Consult. 27.11.2017]

de Aveiro, mas depara-se com um “problema” **completamente improvável**: a falta de interessados! (...) (*par = ext323106-eco-95a-1*)

(32) Fora dos «courts» a antiga número um mundial teve de repartir «o pódio» com uma companhia **totalmente indesejável**: a de Richard Krajicek. (*par = ext540545-des-92a-2*)

Notem-se, agora, os resultados gerais tidos para estas construções:

Tabela 4 - Adjetivos modais e *completamente*

	Posição Atributiva	Posição Predicativa
Possível	-	+
Impossível	+	+
Necessário	-	+
Desnecessário	+	+
Provável	+	+
Improvável	+	+
Desejável	+	+
Indesejável	+	+
Obrigatório	+	+
Proibido	+	+
Permitido	-	+

Tabela 5 - Adjetivos modais e *totalmente*

	Posição Atributiva	Posição Predicativa
Possível	-	+
Impossível	+	+
Necessário	+	+
Desnecessário	+	+
Provável	-	+
Improvável	+	+
Desejável	-	+
Indesejável	+	+
Obrigatório	+	+
Proibido	+	+
Permitido	-	+

3.2.1. Algumas reflexões sobre adjetivos modais e advérbios de totalidade

Os dados do presente estudo mostram que todos os adjetivos permitem a combinação com este tipo de advérbios.

Com efeito, os adjetivos modais parecem comportar-se como os adjetivos graduáveis, ao assumir diferentes posições numa escala que mede as forças modais. No entanto, a combinação com os advérbios de totalidade não permite, neste caso, afirmar que estes adjetivos tenham escala fechada, já que esta combinação nem sempre tem uma leitura de limite escalar como seria

de esperar (cf. Kennedy & McNally, 2005). Realmente, na maioria dos casos, originam-se leituras muito específicas, que é importante analisar. Antes de se explicitarem quais as leituras associadas à combinação entre adjetivos modais e advérbios de totalidade, no entanto, parece importante investigar como se comportam adjetivos de diferentes tipos (e não somente modais) no mesmo contexto, ou seja, combinados com advérbios deste tipo.

O primeiro caso representa um adjetivo que pertence, indubitavelmente, ao conjunto dos adjetivos de escala fechada, *cheio*.²⁷ Neste caso, a interpretação é a de que se atingiu, de facto, o limite escalar: *completamente cheio*, em (33), significa que o local em causa atingiu a sua capacidade máxima de lotação.

- (33) Tem capacidade para sete mil espectadores e ontem estava **completamente cheio**, até porque as entradas eram gratuitas e o espectáculo prometia. (*par = ext80934-des-93b-1*)

Note-se, porém, o exemplo seguinte, construído com o adjetivo *seco*, em que o advérbio *completamente* remete, não para o atingir do máximo da escala de *secura*, mas antes para a afetação da totalidade das partes do braço, isto é, estamos perante uma leitura mereológica²⁸:

- (34) É hidrófugo», afirma, retirando o braço **completamente seco**. (*par = ext235204-clt-97b-2*)

Há, ainda, uma terceira leitura associada ao conjunto [*advérbio de totalidade + adjetivo qualificativo*] que não denota o atingir do limite escalar e não denota a afetação da totalidade das partes de uma entidade. Na verdade, nestes casos, o advérbio reforça o sentido do adjetivo e, por essa razão, designaremos este tipo de leitura de **leitura de intensidade**:

- (35) R. – Acho uma crítica **completamente idiota**. (*par = ext776763-clt91b-2*)

²⁷ Chamo, ainda, a atenção para o único exemplo encontrado com o adjetivo *largo*, de escala aberta, e que só é possível precisamente porque a leitura não é escalar: a interpretação é parafraseável por *todo largo/ muito largo*.

(i) Apenas mandei à costureira para cintar um bocadinho apenas, para não ficar **completamente largo** e a direito. (Retirado de <https://www.laredoute.pt/ppdp/prod-350133724.aspx>)

²⁸ Note-se, contudo, que, embora a leitura mereológica pareça ser a preferencial, pode haver falantes que aceitem que o segmento *completamentesecco*, neste exemplo concreto, possa ser equivalente a *semnenhumahumidade* e, nesse caso, a leitura já seria escalar.

É, agora, possível compreender que a combinação dos adjetivos modais com este tipo de advérbios não se encaixa em nenhuma das leituras anteriores. Com efeito, estes adjetivos, são usados, de certo modo, como uma forma de reforço; porém, este reforço é, claramente, epistémico: aquilo que é reforçado não é, na verdade, o sentido associado ao adjetivo, mas sim a ideia transmitida pela predicação e, conseqüentemente, o grau de certeza a ela associado. Veja-se um exemplo como (36) em que *completamente impossível* não indica um limite de impossibilidade. Realmente, parece denotar-se a certeza do falante, numa atitude de reforço epistémico parafraseável por *não há dúvidas de que é impossível*.²⁹

(36) É claro que em Portugal uma emissão destas é **completamente impossível**. (par = ext154030-pol-94a-2)

Há, ainda, certos contextos em que o advérbio, novamente, não marca uma leitura de medição escalar, mas antes a consideração da totalidade das situações ou das circunstâncias (cf. (26) e (30), repetidos abaixo como (37) e (38)).

(37) Interromper uma gravidez é **totalmente proibido** nos países católicos como as Filipinas, a Colômbia e o Chile, bem como Malta. (par = ext838714-clt-soc94b-2)

(38) Sou um **cantor completamente proibido** pela censura do Salazar e do Marcelo Caetano (...), porque aquilo que escrevia chocava. (par = ext1093054-nd-93b-2)

3.3. Advérbios indicadores de parcialidade ou incompletude: *praticamente* e *quase*

Uma vez realizada a análise para verificar qual o comportamento dos adjetivos modais em relação aos advérbios de totalidade, parece-nos

²⁹ O mesmo tipo de interpretação ocorre no caso de o advérbio ser *totalmente*. No exemplo seguinte, o que se afirma é a certeza da impossibilidade, isto é, a certeza de que o antigo primeiro-ministro do Luxemburgo não se tornará o primeiro-ministro da Estónia.

(i) "Nunca me poderia tornar primeiro-ministro da Estónia, seria **totalmente impossível**", disse o antigo primeiro-ministro do Luxemburgo, citado pela BBC. (Bernardo. (2015). Elisa Ferreira: "Europa está mais preocupada com o Syriza do que com a sra. LePen". [Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2015-07-05-Elisa-Ferreira-Europa-esta-maispreocupada-com-o-Syriza-do-que-com-a-sra.-Le-Pen#gs.pLBYoMg> [Consult. 27.11.2017])

importante verificar se este comportamento se altera quando, ao invés de advérbios de totalidade, os combinamos com advérbios de parcialidade, que também fazem parte dos *proportional modifiers*. Para isso, apresentam-se de seguida os resultados relativamente aos adjetivos epistémicos, considerando em primeiro lugar a posição atributiva, em que há apenas ocorrências com *quase*. Sem restrições, *quase* combina-se bem com os adjetivos *possível* e *desejável*, *este último pertencente ao domínio da modalidade desiderativa*.

(39) Talvez valesse a pena questionar como é que uma civilização sobreviverá aceitando a alienação como algo normal, **quase desejável**, enquanto controla cada vez a vida individual dos cidadãos.³⁰

(40) O futuro está próximo e esta é uma realidade **quase possível**.³¹

É, ainda, possível a combinação com *provável* e *necessário*, embora com alguns problemas relacionados com a interpretação. De facto, nos exemplos abaixo, as leituras não são de atenuação da força modal. Pelo contrário, nestes casos, o uso de *quase* parece reforçar o sentido do adjetivo; note-se, por exemplo, (41), em que o uso de *quase provável* é semelhante ao uso de *muito provável*. Também em (42), a interpretação é a de que o *champô seco* se tornou de tal forma importante que o seu uso é quase indispensável.

(41) Por sua vez, o Governo convida o PS para um quase-compromisso em redor do quase-programa de governo da **quase provável** oposição dentro de alguns meses.³²

(42) Enquanto o champô seco se tornou um produto **quase necessário** para quem não lava o cabelo todos os dias (adeus raízes oleosas entre lavagens!), de que forma, afinal, os novos condicionadores secos se podem inserir na nossa rotina?³³

³⁰ “Mafarrico” (2018, Janeiro 23). Chico Fininho. [Comentário em Fórum de Discussão]. Disponível em <https://aventar.eu/2018/01/16/chico-fininho/> [Consult 24.11.2018]

³¹ Paula, Célia (2017). BladeRunner: 2049 – O futuro e a crise existencial. Disponível em <http://reportersombra.com/blade-runner-2049/> [Consult. 27.11.2017]

³² Félix, António B. (2015). Um quase-programa de governo. Disponível em <https://blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2015/04/18/um-quase-programa-de-governo/> [Consult. 27.11.2017]

³³ Magalhães, Helena (2017). Esqueça os champôs. Conheça os novos “condicionadores secos”. Disponível em <https://observador.pt/2017/10/23/esqueca-os-champos-conheca-os-novos-condicionadoressecos/> [Consult. 27.11.2017]

Por seu lado, a posição predicativa é bastante flexível, pois não parece haver grandes restrições em relação à combinação dos adjetivos modais com qualquer um destes advérbios, com a exceção dos desiderativos *desejável* e *indesejável*, em relação a *praticamente*. Há, no entanto, algumas considerações a fazer, particularmente no que diz respeito ao tipo de leituras associadas a estas combinações, em particular relativamente aos adjetivos *possível* e *provável*. Assim, *possível* parece selecionar construções com verbos sensoriais e, nestes casos, a única interpretação plausível é a leitura de modalidade interna ao participante, neste caso, de capacidade:

(43) era **praticamente possível** ouvir o coração do público a bater em unísono com o da banda.³⁴

(44) Neste ponto do relato era **quase possível** ver o arreganhar de dentes gulosos do agente. (*par* = ext473446-soc-96a-3)

Quanto a *provável*, a combinação com o advérbio não parece ter como consequência a atenuação da força modal do adjetivo: na verdade, parece haver um reforço da crença na probabilidade mencionada no exemplo, semelhante a *muito provável*.

(45) Se Calado actuar no “miolo” encarnado, é **praticamente provável** que Fernando Meira faça dupla de centrais com o brasileiro Ronaldo.³⁵

Já no que diz respeito ao grupo dos deonticos, o comportamento destes adjetivos parece ser variável. Para começar, o adjetivo *permitido* rejeita a combinação com *praticamente* e com *quase*, em posição atributiva. Ainda na mesma posição, os adjetivos *obrigatório* e *proibido* aceitam esta combinação:

(46) **Assunto quase obrigatório** na conferência de imprensa pós-final era, obviamente, o chorudo prémio que Wheaton arrecadara. (*par* = ext113402des-91b-1)

³⁴ Pereira, Lia (2017). TheNational no Coliseu de Lisboa: bem-vindos a casa. Disponível em <http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-10-29-The-National-no-Coliseu-de-Lisboa-bem-vindos-a-casa-1> [Consult. 28.11.2017]

³⁵ (s.a.) (2001). Tomás/Hooijdonk no ataque e Calado no «miolo». Disponível em <http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/benfica/detalhe/tomashooijdonk-no-ataque-ecalado-no-miolo.html> [Consult. 28.11.2017]

(47) Quem competir com eles em 10.000m já sabe que o pódio é um **sonho praticamente proibido**. (*par = ext1564705-des-97a-2*)

Relativamente ao exemplo (46) acima, “o uso de *quase obrigatório* retira força à ideia de obrigação (i.e., não chega a ser obrigatório), mas marca a ideia de elevada probabilidade ou previsibilidade de ocorrência do acontecimento” (Cantante, 2018: 110). Em (47), *praticamente* não marca, de facto, uma proibição de forma aproximada (o que, aliás, não faria sentido), mas antes a prefiguração de um *sonho* de tão difícil ocorrência que parece assumir o carácter de impossibilidade.

Por outro lado, também a posição predicativa, embora permita estas combinações, torna, igualmente, necessário que se apontem algumas questões relativas à interpretação.

Note-se que, em relação ao exemplo (48) abaixo, *praticamente obrigatório* parece, com efeito, remeter para uma norma, mas não expressa; isto é, embora não haja, concretamente, nada nem ninguém a impor uma obrigação, esta é aceite pela sociedade em geral (neste caso, *todos os sectores de público*).

(48) Hoje, é considerado **praticamente obrigatório** por todos os sectores de público. (*par = ext943009-nd-91b-1*)

Já em relação a (49), só é possível interpretá-lo através de uma leitura parafraseável por *na prática*, não tendo qualquer valor de movimento escalar. Também em (50), a leitura não envolve, novamente movimento escalar, mas repetição (ou generalização) de situações, parafraseável por *na maior parte dos casos*.

(49) Há uma semana que **é praticamente proibido** fumar em todos os restaurantes da cidade. (*par = ext993484-soc-95a-1*)

(50) Por exemplo, mesmo que aqui fumar e possuir haxixe **seja praticamente permitido**, a polícia sempre que pode dificulta a vida aos jovens, confiscando o que possuem, prendendo-os, etc.³⁶

³⁶ “mvs” (2011). Ainda sobre o post anterior do João Silveira. [publicação em blogue]. SenzaPagare. Disponível em <http://senzapagare.blogspot.pt/2011/01/> [Consult. 28.11.2017]

As formas negativas não parecem registar grandes diferenças comportamentais, já que, no geral, se podem combinar com estes advérbios, excetuando, novamente, o caso de *indesejável*. Tal como aconteceu em casos anteriores, também em relação a *improvável*, se podem observar alguns aspetos interessantes, como no exemplo (51), em que o sentido de *improvável* não se aplica, já que a interpretação é a de que o encontro mencionado como *quase improvável* ocorreu, efetivamente.

- (51) «La Cathédrale Invisible» (...) é a resultante de um **encontro quase improvável** entre dois autores imprevisíveis: o francês Bouq e o chileno de origem russa Jodorowsky. (*par = ext1346813-clt-93a-1*)

Vejamos, agora, os principais resultados relativos a estas combinações:

Tabela 6 - Adjetivos modais e *praticamente*

	Posição Atributiva	Posição Predicativa
Possível	-	+
Impossível	+	+
Necessário	-	+
Desnecessário	+	+
Provável	-	+
Improvável	+	+
Desejável	-	-
Indesejável	-	-
Obrigatório	+	+
Proibido	+	+
Permitido	-	+

Tabela 7 - Adjetivos modais e *quase*

	Posição Atributiva	Posição Predicativa
Possível	+	+
Impossível	+	+
Necessário	+	+
Desnecessário	+	+
Provável	+	+
Improvável	+	+
Desejável	+	+
Indesejável	-	+
Obrigatório	+	+
Proibido	+	+
Permitido	-	+

3.3.1. Algumas notas sobre adjetivos modais e advérbios de parcialidade

De um modo breve, podemos afirmar que *praticamente* e *quase* promovem o movimento dos adjetivos com os quais se combinam para pontos ligeiramente mais baixos da escala e, por isso, os adjetivos apenas se aproximam do ponto da escala que ocupariam, se não estivessem combinados com estes advérbios, como o ilustram as figuras abaixo.

Figura 1 - Comparação entre os valores básicos de *necessário* quando isolado e quando combinado com advérbios de parcialidade

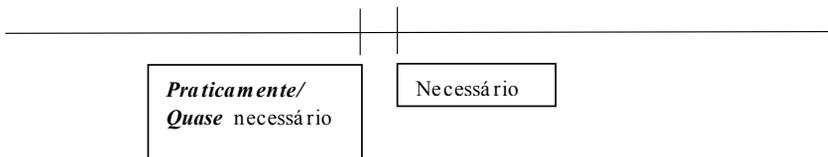
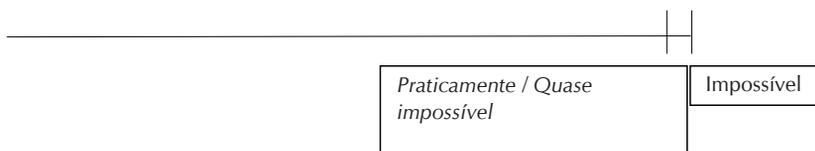


Figura 2 - Comparação entre os valores básicos de *impossível* quando isolado e quando combinado com advérbios de parcialidade



O grupo dos deônticos apresenta, muitas vezes, um comportamento diferente dos restantes adjetivos modais em estudo. No caso da combinação com estes advérbios, a leitura de atenuação da força modal mantém-se. No entanto, há casos em que isso pode não acontecer, como se verá a seguir. Com efeito, observou-se que o adjetivo *permitido* apresenta leituras em que a interpretação possível é a de *permitido por muitos* ou *permitido em muitas situações*. Nestes casos, parece verificar-se a mudança de escopo do advérbio, que não atua sobre o adjetivo, em si, mas antes sobre outro elemento da frase (cf. (50)).

Note-se, ainda, mais um caso em que a combinação com estes advérbios gera uma leitura diferente da mera atenuação da força modal. De facto, por vezes, a leitura de *praticamente*, no contexto da combinação com estes adjetivos, pode ter o sentido de *na prática*; normalmente, esta leitura está disponível quando existem mais opções, em oposição (*na prática* vs. *em teoria*, por exemplo) (cf. (52)).

- (52) A votação foi considerada uma antecipação de um debate sobre o aborto, que a partir do dia 18 **será praticamente proibido**.
(par = ext47076-soc97b-1)

Uma última nota dá conta de uma diferença entre a força modal dos adjetivos estudados quando modificados por cada um destes dois advérbios. Analisando os advérbios em combinação com outros adjetivos, verifica-se que *praticamente* mantém o valor do adjetivo muito mais próximo do seu valor quando isolado. Já *quase*, por sua vez, parece deixar em aberto o nível de afastamento em relação ao valor escalar do adjetivo isolado. Notemos,

no exemplo seguinte, que um *copo quase cheio* pode ter um pouco mais do que metade do seu volume ocupado com líquido ou pode faltar apenas uma gota para que a totalidade do seu volume seja atingida. Esta pluralidade de leituras está vedada quando se utiliza, no mesmo contexto, o advérbio *praticamente*, caso em que a única leitura possível é a de que o volume de ocupação do copo deverá estar muito próximo do seu ponto máximo de ocupação.

- (53) a. O copo está *quase* cheio.
- b. O copo está *praticamente* cheio.

Assim, consideramos que *praticamente*, comparativamente a *quase*, mantém o valor do adjetivo combinado com o advérbio muito próximo do seu valor básico.

4. Principais Conclusões

O principal objetivo do presente trabalho foi tentar compreender se os adjetivos modais possuem caráter escalar. Para isso, e tendo como base as teorias de Horn (1989), Kennedy & McNally (2005) e Kennedy & Levin (2008), autores que se debruçaram já sobre a temática da escalaridade, foram feitos alguns testes com os adjetivos selecionados em três tipos de construções: construções com quantificadores (*muito* e *pouco*), construções com *proportional modifiers* indicadores de totalidade (*totalmente* e *completamente*) e construções com *proportional modifiers* indicadores de parcialidade (*praticamente* e *quase*).

Tendo em conta os exemplos analisados nas secções anteriores, uma primeira consideração importante é a de que os adjetivos modais têm, efetivamente, caráter escalar e deverão estar associados a uma escala aberta. Apesar de todos os adjetivos estudados aceitarem combinar-se com os *proportional modifiers*, o que, seguindo Kennedy & McNally (2005) e Kennedy & Levin (2008), significaria que teriam escala fechada, o trabalho desenvolvido permitiu concluir que a combinação com este tipo de advérbios vai além da descoberta do tipo de escala associada aos adjetivos graduáveis.

Na verdade, o que se verificou, particularmente em relação aos adjetivos modais, foi que a combinação com os advérbios de totalidade não envolve leituras de medição de grau ou de limite escalar, antes conduzindo a uma interpretação de reforço epistémico, isto é, há um aumento na crença do que é dito ou, em certos casos particulares, é mencionada a totalidade das situações equivalente a *todas as circunstâncias*. De forma breve, podemos confirmar que este trabalho permitiu que se detetassem cinco linhas gerais de interpretação para o complexo [advérbio de totalidade + adjetivo], nomeadamente, leitura escalar, leitura mereológica, leitura de intensidade e, por fim, leitura de reforço epistémico (semelhante a *não há dúvidas de que*) ou leitura de totalidade das situações em (*todas as circunstâncias*).

Por outro lado, e fazendo um confronto com a teoria de Horn (1989), concluímos que o adjetivo *necessário* não se encontra, como na língua inglesa, no topo da escala, já que aceita, sem qualquer problema, a combinação com *muito*, que o move para pontos mais elevados da escala; este argumento é reforçado pelo comportamento oposto de *impossível* que, ao rejeitar esta combinação, mostra que este movimento é inaceitável para topos de escala.

Por fim, uma última nota relativa aos advérbios de parcialidade é a de que, embora ambos atuem, na maioria das vezes, no sentido de atenuar a força modal do adjetivo, *praticamente* e *quase* parecem contribuir de forma diferente para a atenuação da força modal do adjetivo. Por outras palavras, *praticamente* provoca um menor afastamento em relação ao ponto escalar onde o adjetivo estaria, se isolado, mantendo-o, por isso, mais próximo do valor básico do adjetivo.

REFERÊNCIAS

- Brito, A. M. 2003. *Categorias Sintáticas*. In Mateus, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 323-433.
- Cantante, I. 2018. *Sobre a Semântica dos Adjetivos Adverbiais Modais*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- Cunha, C. & Cintra, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (2ª ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- De Haan, F. 2006. *Typological Approaches to Modality*. In Frawley, W. (Ed.). *The Expression of Modality*. Berlim: Mouton de Gruyter. 27-70.
- Demonte, V. 1999. *El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal*. In Bosque, I. & Demonte, V. (Eds.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 129-215). Madrid: Espasa-Calpe.
- Ferreira, I. A. 2013. *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais do Português Europeu*. (Tese de Doutoramento em Linguística). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Horn 1989. *A natural history of negation*. Chicago: Chicago University Press.
- Kennedy, C. 1999. *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland. (1997 UCSC Ph.D thesis)
- Kennedy, C. & McNally, L. 2005. *Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates*. In *Language – A Journal of the Linguistic Society of America*. Vol. 81(2). 345-381.
- Kennedy, C. & Levin, B. 2008. *Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements*. In L. McNally & C. Kennedy (Eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 156-182.
- Kratzer, A. 1981. *The notional category of modality*. In: Eikmeyer, H.-J. & Rieser, H. (Eds.) *Words, Worlds, and Context*. Berlim: Mouton de Gruyter. 38-74.
- Kratzer, A. 2012. *The Notional Category of Modality*. In Kratzer, A. (Ed.) *Modals and Conditionals*. Oxford University Press. 27-69.
- Leal, A., Ferreira, I. & Cunha, L.F. 2011. *Algumas reflexões sobre escalaridade e degree achievements em Português Europeu*. In *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 316-324.
- Leal, A. & Oliveira, F. 2015. *Verbos de movimento, preposições direcionais e escalas*. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*. 1: 353-366.

- Neves, M. H. M. 2000. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa: Revista de Linguística*. 44:115-145.
- Oliveira, F. 1988. *Para uma semântica e pragmática de DEVER e PODER*. (Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, F. 2000. Some issues about the Portuguese Modals. *Belgian International Journal of Linguistics*. 14: 145-162.
- Oliveira, F. & Mendes, A. 2013. Modalidade. In Paiva Raposo et al. (Eds.) *Gramática do Português*. Vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 623-669.
- Palmer, F. R. 2001. *Mood and modality*. (Cambridge textbooks in linguistics). 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rio Torto, G. 2006. Para uma gramática do Adjectivo. *Alfa: Revista de Linguística*. Vol. 50 (2).103-129.
- Van Linden 2012. *Modal Adjectives. English deontic and evaluative constructions in synchrony and diachrony*. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Veloso, R. & Raposo, E.B.P. 2013. Adjetivo e Sintagma Adjetival. In Paiva Raposo et al. (Eds.) *Gramática do Português* (Vol. 2, Cap. 31). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1359-1493.
- Van der Auwera, J. & Plungian, V. A. 1998. Modality's semantic map. *Linguistic Typology*. Vol.2 (1). Berlin: Walter de Gruyter. 79-124
- Von Stechow. 2006. Modality and Language. In Borchert, Donald M. (Ed.) *Encyclopedia of Philosophy* (2ª ed.). Detroit: MacMillan Reference USA. Disponível em <https://web.mit.edu/fintel/fintel-2006-modality.pdf>